

UMA CARTOGRAFIA DAS MATERIALIDADES DO PROCESSO DE AUTOFORMAÇÃO DO ARTE EDUCADOR

OLIDES LUAN TAVARES BOLZON¹; ISABELLA WHITAKER²; HELENE GOMES
SACCO³

¹Centro de Artes UFPel – elbode@live.com

²Centro de Artes UFPel – isawhitakerart@gmail.com

³Centro de Artes UFPEL – sacco.h@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Ao ingressar em qualquer curso de formação superior um indivíduo possivelmente estará participando de outro processo, concomitante e intrínseco: a autoformação. Àqueles que porventura se percebem inseridos na licenciatura dão-se conta que a autoformação faz parte de um processo de construção do ser pelo saber. O processo de ser educador.

De maneira geral, a autoformação significa que o aprendente é o ator principal da construção dos conhecimentos e dos sentidos produzidos durante o processo permanente de sua formação. É a apropriação por cada um de sua formação, o que é diferente do autodidatismo, pois os conhecimentos devem ser incorporados nos atos, nos valores e articulados num sentido para a pessoa. (WARSCHAUER, Cecília. 2005)

Este estudo procede desta percepção acerca da autoformação, intrinsecamente ligada à formação em Licenciatura em Artes Visuais, pela UFPel, acerca do processo de tornar-se arte educador. Esta percepção se aprofunda a medida que se relaciona ao fazer artístico ligado ao papel do educador e do educando, e por fim à materialidade artística identificada no processo de autoformação em si, esboçando uma contribuição acerca do tema para a docência.

2. METODOLOGIA

Refiro-me neste estudo a intenção de verificar uma materialidade do fazer artístico enquanto pistas de uma Cartografia da autoformação que acontece ao caminhar da graduação em Licenciatura em Artes Visuais, através de uma pesquisa bibliográfica dos conceitos que aproximam arte e vida, fazer artístico e prática docente. Tal estudo pode ser diagnosticado sincronicamente aos processos de elaboração das pesquisas de conclusão de curso em que se envolvem os autores deste resumo à sua data de confecção, que pode ser visto como etapa inerente à formação acadêmica, espaço de reflexão acerca de assuntos que nos foram pertinentes a este processo ao longo do curso a ser concluído no segundo semestre de 2015. Trabalhos nos quais abordamos, de diferentes maneiras as questões relacionadas à formação do arte educador através de elementos do fazer artístico que podem ser relevantes ao que caiba ao trabalho monográfico: a escrita como exploração do pensamento teórico e criativo, enquanto matéria prima a qual molda o artista em um movimento retroalimentador; o livro de artista, enquanto dispositivo cartográfico potente e possível no trabalho monográfico, de leitura e de materialidade aflorada ao próprio

universo do livro enquanto objeto potente e carregado de possibilidades cuja “dobra exprime tanto um território subjetivo quanto o processo de produção desse território, ou seja, ela exprime o próprio caráter coextensivo do dentro e do fora” (FONSECA E ENGELMAN, 2004); a arte como vida, e a construção de si como obra de arte, nesta perspectiva o educador artista mostra que criar não é para ele um mero fabricar objetos e sim “fazer avançar uma obra, mesclar produção e produto, num dispositivo de existência” (BOURRIAUD, 2011, p.68), que consequentemente empodera tanto o educando em seu processo de formação, quanto o educador artista a fazer da educação arte, e também o contrário. “Exorta cada um a esculpir sua existência como uma obra de arte. A vida deve ser pensada, querida e desejada tal como um artista deseja e cria sua obra, ao empregar toda a sua energia para produzir um objeto único.” (DIAS, 2011. P. 13).

A característica mais importante do método cartográfico na autoformação reside na possibilidade da imersão na processualidade da pesquisa tornando-a também materialidade artística potente na autoformação. Este é, portanto, um estudo que ao mesmo tempo é pista cartográfica que contribui para outras pesquisas, passa a ser parte da materialidade da autoformação. Trata-se de uma metodologia de pesquisa e de formação:

De um modo geral, mais do que uma metodologia científica, a cartografia aqui é entendida enquanto uma prática ou pragmática de pesquisa. A ideia de pragmática está ligada a um exercício ativo de operação sobre o mundo, não somente de verificação, levantamento ou interpretação de dados. O cartógrafo, aqui assumido enquanto pesquisador, atua diretamente sobre a matéria a ser cartografada. (COSTA, Luciano Bedin da. 2014. P. 67)

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Graças à processualidade cartográfica os resultados deste estudo atentam para um resultante em constante curso de transformação, que sobreleva-se sobre o processo ordinário da formação que, por sua vez, desencadeia tais resultados a serem avaliados ou representados. Assim a cartografia passa a ser mecanismo de uma perspectiva participativa e atuante na relação com a pesquisa e seu objeto, a exemplo a formação docente e a arte educação, entendidas enquanto experiência e materialidade.

O encontro com a processualidade da arte e suas materialidades nos fazem compreender que também somos uma forma formante aberta e constantemente inserida em experiências que nos revelam mais de nós mesmo, ampliando perspectivas e desdobrando percepções. Segundo Henri Bergson o trabalho com a arte e suas materialidades revelam muito mais do que o fazer:

O pensamento que é apenas pensamento, a obra de arte que é apenas concebida, o poema apenas sonhado não custam muito; é a realização material do poema em palavras, da concepção artística num quadro ou numa estátua que demandam esforço. O esforço é penoso, mas é também precioso, mais precioso que a obra que resulta dele, porque graças a ele, tiramos de nós mais do que tínhamos, elevamo-nos acima de nós mesmos. Ora, esse esforço não seria possível sem a matéria: pela resistência que ela opõe e pela docilidade com que a podemos conduzi-la, ela é ao mesmo tempo obstáculo, instrumento e estímulo; ela experimenta nossa força, conserva-lhe a marca e provoca intensificação (BERGSON, apud, KASTRUP, 1999, p.226.)

Considerar a autoformação enquanto fenômeno repleto de outros fenômenos constitutivos e indubitavelmente permeados de materialidade, permite um breve vislumbre do todo, da auto formação enquanto obra de arte. É um processo permanente de transformação do sujeito e que acontece de maneira singular para cada um. Um resultado mais palpável disso é justamente os trabalhos de conclusão de curso citados anteriormente, e ainda em processo de desenvolvimento. Nosso processo de formação que aconteceu não somente na faculdade, mas também em seu entorno nos permitiu perceber a potência dos encontros e o quanto isso transformou cada um de nós nessa etapa. Nesses encontros, fossem eles formais ou informais, nós nos expomos de maneira experimental, nos transformando a todo momento e transformando também nossa maneira de pensar e agir. E mesmo frequentando o mesmo curso, os resultados são visivelmente distintos entre si, mas com pontos em comum, como a importância da formação também fora da sala de aula e a discussão de uma educação que permita que o sujeito se experencie e pense o mundo a partir de outras possibilidades.

4. CONCLUSÕES

Cabe-nos enquanto pensadores da arte e da educação, considerarmos essa forma de formação que molda o sujeito constantemente não somente durante a escola ou faculdade, mas durante a vida toda.

Este é o saber da experiência: o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece. No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece.
(LARROSA, 2011, p.27)

Tudo o que nos acontece nos transforma de alguma maneira e levando isso em consideração, é possível pensar em uma educação mais autônoma, que permita que o sujeito passe por um processo de descoberta de si através de experiências que façam esse sujeito ser um ser ativo dentro e fora da sala de aula, que se constrói a partir de suas escolhas, diferente de um aluno que passa por uma educação tradicional, na qual ele é passivo e pensado não enquanto um indivíduo singular, mas apenas mais um aluno dentro de uma sala de aula.

A consciência desse processo corroborou para a visualização não só das formas de ensino, mas do que essa experiência nos permite enquanto sujeitos ativos da autoformação como acontecimento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEDIN, Luciano. **Cartografia: uma outra forma de pesquisar**. Revista Digital do LAV. Santa Maria, vol 7, Nº2 p. 66-77. 2014. Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/revislav/article/view/15111>> Acesso em: 22.jun.2014.
- BOURRIAUD, Nicolas. **Formas de vida: arte moderna e a invenção de si**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- DIAS, Rosa. **Nietzsche, vida como obra de arte**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 2011.
- KASTRUP, Virgínia. **A invenção de si e do mundo: Uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos. ***Experiencia y alteridade em educación.*** Editora Homo sapiens Ediciones. Argentina, 2009.

WARSCHAUER, Cecilia. **As diferentes correntes da autoformação.** Revista Educação Online. Editora Segmento. 2005.